



Educação e Juventude: a descoberta de formas identitárias ao longo da formação cidadã

Geziane do Nascimento Oliveira – *Universidade Federal da Paraíba* –
gezianeoliveira91@outlook.com

Mohana Ellen Brito Rodrigues de Morais – *Universidade Federal da Paraíba* –
mohanamorais@hotmail.com

Geovânia da Silva Toscano – *Universidade Federal da Paraíba* – geotoscano@gmail.com

Resumo: Este trabalho foi uma proposta elaborada na disciplina de *Educação e Sociedade no Brasil* com o objetivo de traçar uma trajetória de formação dos/as alunos/as buscando fomentar análises e debates a partir das histórias de vida dos sujeitos em formação que se volta ao ensino de sociologia no ensino médio. A primeira parte foi nomeada como *Trajetoária de vida pessoal e familiar: Uma aquarela que descolorirá* baseando-se nas primeiras experiências que tive na família, com amigos e na escola que em muitos aspectos, tanto positivos e negativos, foram se configurando de uma inesperada e muitas vezes conturbada; a segunda parte nomeada como *Trajetoária de escolaridade: Eu caçador de mim* apresenta o período da adolescência de descobertas, de novas amizades, de surpreendentes descobertas em diversos âmbitos da vida; e, por fim, a terceira parte nomeada como *Experiências de trajetória na universidade: Lapidar minha procura* relaciona-se com minha trajetória da universidade até os dias atuais, os diversos conhecimentos e experiências acadêmicas como coroamento de uma trajetória ainda marcada por procuras e sobressaltos de todas as ordens e como o início de uma trajetória profissional que se delineia de forma mais precisa e consistente com o caminho da profissionalização superior que ainda está nos primeiros passos. E a escolha dos títulos baseou-se na afinidade da autora com músicas, acreditando que a arte, especialmente a música está presente em toda sua trajetória com marcas profundas de vivências.

Palavras-Chave: Trajetória autobiográfica, Educação, Movimentos sociais, Identidade e Juventude.



1. INTRODUÇÃO

"A realidade (familiar ou exótica) sempre é filtrada por determinado ponto de vista do observador, ela é percebida de maneira diferenciada". [Gilberto Velho]

Este trabalho se propõe a apresentar as memórias da autora a partir da proposta de trabalho elaborada pela professora Geovania Toscano da disciplina de Educação e Sociedade no Brasil que tratou de realizar um percurso sobre o panorama educacional analisando as perspectivas teóricas de compreensão histórica da relação sociedade e educação, compreendendo suas políticas e práticas durante o período do Regime Militar e focando especialmente as mudanças ocorridas no ensino superior, pós-regime autoritário e repercussões no cenário neoliberal.

E para proposta de elaboração deste trabalho, a professora indicou que deveríamos fazer uma relação dos textos estudados em sala de aula e outros buscando contextualizar os períodos vividos na trajetória de vida particular, familiar e social com o firme propósito de colaborar no debate sobre sociedade e educação no Brasil, tendo em vista a formação dos sujeitos como profissionais no ensino de sociologia no ensino médio.

Nesta dinâmica, este trabalho apresenta um fio condutor que norteia toda escrita, diálogos e discussões entre os textos estudados e as memórias da autora. Este fio condutor é um aspecto que norteou toda trajetória de vida da autora, trata-se da relação da mesma com a participação da mesma em movimentos sociais, como forma da construção identitária da autora ao longo de sua vida, por este motivo o título deste trabalho ser: *Educação e Juventude: a descoberta de formas identitárias ao longo da trajetória cidadã*. Que teve seu auge na escolha da formação profissional como socióloga e tem como motes de pesquisas as formas societárias presentes na sociedade civil em constantes dinâmicas, diálogos embates com o Estado na produção, implementação e execução de políticas públicas, especialmente no seguimento voltado à juventude.

Então, os relatos aqui descritos são perpassados por uma forte presença de pessoas marcantes que fizeram e fazem parte de diversos movimentos sociais, eclesiais de base, étnicos, de gênero e geração; de eventos e acontecimentos que marcaram períodos e a sociedade como um todo. São relatos que privilegiam as relações da autora e que dialogam com os textos trabalhados em sala de aula e com outros muitos textos e autores que marcaram a trajetória da autora.

2. METODOLOGIA



Para realização deste trabalho foi preciso se valer da metodologia etnográfica de cunho pessoal, por se tratar de um esboço do memorial de vida da autora. O sociólogo tem como prática profissional o olhar crítico e a produção incessante de argumentos e sendo este profissional um pesquisador que também pode ser objeto de sua própria pesquisa; este trabalho tem como objetivo transformar os relatos da memória da pesquisadora em seu próprio objeto de pesquisa realizado através de um esforço etnográfico, onde os itens da pesquisa se encontram na memória e aqui relatados em palavras, argumentos, reflexões e discussões com autores que versaram sobre a questão da educação, cultura e sociedade.

Dentro da perspectiva de utilização de uma metodologia qualitativa, este trabalho se configura por uma abordagem biográfica, aliás, autobiográfica, uma vez que os fatos, relatos e acontecimentos estão presentes nos relatos da memória da autora. É um processo que busca rememorar as histórias particulares da vida do sujeito, apreendendo a memória como algo que está presente e se faz presente na existência das sociedades, o que implica num trabalho valioso que resgata de forma cuidadosa e ética as particularidades presentes na história de vida do pesquisado, ora da própria autora.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

TRAJETÓRIA DE VIDA PESSOAL E FAMILIAR: UMA AQUARELA QUE DESCOLORIRÁ

Iniciando os relatos da trajetória de vida pessoal e familiar, primeiramente vou me apresentar a você leitor; meu nome é Geziane do Nascimento Oliveira, sou brasileira, natural da cidade de Santa Rita, onde nasci às 11:10 da manhã, no dia 09 de janeiro de 1988, tenho 28 anos e é onde resido até hoje; aos que se interessam nasci regida pelo signo de Capricórnio, com ascendência em Áries e recentemente descobri que no momento em que nasci tinha a Lua regida por Virgem.

Toda a minha infância foi em Santa Rita morando com meus pais e meu irmão. Vou apresentá-los devidamente com suas trajetórias educacionais particulares; minha mãe Sueli Maria do Nascimento, nascida no dia 19 de abril de 1963 estudou em colégio dirigido por freiras. Estas escolas eram comuns ainda nesse período, o que a história nos apresenta é que desde os tempos da Colônia “a Igreja, utilizando-se também da escola, auxiliou a classe dominante (latifundiários e representantes da coroa portuguesa), da qual participava, a subjugar de forma pacífica as classes subalternas às relações de produção implantadas” (FREITAG, 1980, p.48) apesar dos jesuítas terem



sido expulsos do Brasil em meados do século XVIII, a Igreja ainda tinha uma forte influência sobre a sociedade civil, controlando, sobretudo, algumas instituições de ensino, o que não mudou nos períodos subsequentes do Império e da I República.

Seguindo na trajetória educacional da minha mãe, ela estudou todo o ensino primário e quando foi estudar o ensino médio, como precisava se profissionalizar frequentou por dois anos o curso de contabilidade, demonstrando as aspirações de alunos de classe baixa que ao invés de cursar o ginásial (atual ensino médio) e como eram “forçados a trabalhar para o próprio sustento e o da família, escolhem cursos de nível médio, chamados profissionalizantes” (FREITAG, 1980, p.67). Contudo, ela não terminou o curso e casou cedo, aos 21 anos com meu pai José Generoso Rodrigues de Oliveira. Aumentando, assim, as estatísticas de alunos que desistem e que “vão se escasseando à medida que se eleva o nível de escolarização” (FREITAG, 1980, p.63). Minha mãe nunca trabalhou depois de casada, teve filhos já aos 22 anos de idade e sempre se dedicou aos filhos, ao marido e a casa.

Da família materna nenhum dos filhos da minha avó conseguiu cursar o ensino superior, um tio estudou numa escola técnica, na Paraíba antes chamada de CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica), possibilidade oportunizada pela política educacional do Estado Novo que visando “transformar o sistema educacional em um instrumento mais eficaz de manipulação das classes subalternas. [...] São criadas as escolas técnicas profissionalizantes (para as classes menos favorecidas)” (FREITAG, 1980, p.52). Dos demais, em sua maioria apenas as mulheres chegaram a terminar o ensino médio. Apesar de não ter cursado o ensino médio no momento da juventude, minha mãe sempre teve muita vontade de voltar a estudar. E quando eu fazia o ensino médio, ela resolveu também cursar o ensino médio, agora na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) realizada como supletivo, ou seja, cada ano serial equivalia há seis meses de estudo. Sempre muito ativa, fez muitos cursos e participativa ativamente de grupos religiosos.

Já meu pai não tem o ensino fundamental completo. Precisou trabalhar cedo, pois o meu avô foi um homem muito doente, e como ele tinha muitos irmãos, precisava ajudar em casa, mesmo não sendo o mais velho dos filhos. Assim que casou ele tentou fazer várias atividades de trabalho, desde ser marchante, como seu sogro, até encontrar sua vocação de marceneiro. Apesar de seu pouco estudo, ele faz móveis projetados para uma clientela de classe média de João Pessoa/PB. E vive desse trabalho como Empresário do SEBRAE, até os dias de hoje.



Nesse período a escola não era percebida como uma oportunidade de crescimento profissional e/ou como possibilidade de construir uma vida onde tivesse na educação seu objetivo maior, assim a organização burocrática da escola reproduz as desigualdades, tendo em vista que a escola tem uma lógica de

[...] funcionamento ao longo do qual vai expulsando mais e mais alunos, geralmente os mais pobres, sejam porque precisam trabalhar cedo e, em determinados períodos, não podem retornar a escola em qualquer época para não ferir a “organização”, seja porque a escola lhes oferece uma realidade distante da que é vivida por esses alunos oriundos das classes populares. (GERMANO, 1989, p.108)

A escola apresenta uma lógica excludente, nesse sentido, pois toda sua estrutura burocrática reproduz e legitima uma desigualdade já presente nos espaços da sociedade como um todo. Quanto aos irmãos do meu pai, também nenhum chegou a cursar o ensino superior, nem mesmo o ensino médio, poucos fizeram isso antes de casar, alguns ainda fizeram o ensino médio e cursos técnicos, mas só depois de muito tempo quando já casados, especialmente uma tia que se formou em Técnico em Enfermagem, muitos anos depois de casada.

Na minha trajetória educacional minha mãe sempre teve muita influência, pois como ela sempre gostou de ler e estudar sempre me motivou a ler e estudar. Nesse período ela participava de cursos dentro do ambiente religioso, muitas vezes eram cursos de teologia, história e outros; como na oportunidade em que ela teve de fazer o Curso de História da Igreja com um dos grandes teólogos da Teologia da Libertação, o Pe. José Comblin. Que, aliás, influenciou muito minha trajetória no período da minha adolescência, mas este é um relato para a próxima parte. É neste ponto que o fio condutor da inter-relação educação e movimentos sociais aparecem, desde muito cedo acompanhando minha mãe durante os vários cursos que ela fazia na igreja, me inspirava algo novo, possibilidades de discursos que não era comum se ouvir, neste momento eram apenas pequenos traços desses ideais.

TRAJETÓRIA DE ESCOLARIDADE: EU CAÇADOR DE MIM

Início a segunda parte já indicando que o fio condutor de toda essa jornada pelas memórias fica muito forte e evidente nesse período. Mas, vamos a passos largos, porém firmes nessa trajetória. Com relação aos estudos na segunda etapa de escolaridade cursei da 5ª à 8ª séries (atualmente do 6º ao 9º ano) do ensino fundamental em outra escola, também próxima de casa.



Avaliando o meu desempenho no ensino fundamental, acredito que tenha sido satisfatório no sentido dos estudos, sempre fui uma aluna dedicada porque sempre gostei de tudo que envolve o aprendizado. Mas, em se tratando de socializações e de professores que tenha marcado minha trajetória, não destaco nenhum em especial, esse período teve também sua marca traumática causada pelo afastamento da escola por motivos de doença e a total falta de apoio escolar de membros da família.

Durante a trajetória do ensino médio tem alguns eventos que gostaria de destacar; primeiro alguns professores que marcaram minha trajetória a partir de então. Um deles, o professor de história, Valdir Lima, um militante do seguimento cultural da cidade. Sempre me inspirou a transformar os espaços onde nos inserimos, sempre motivou os alunos ao diálogo e senso crítico em diversos assuntos, especialmente quanto às questões políticas da cidade. Santa Rita como sendo uma cidade do interior sempre foi muito marcada pela forma autoritária de seus líderes políticos, herança do coronelismo e também pelo grande índice de violência, especialmente violência contra a população jovem do município.

Participante de uma gama de movimentos advindos da década de 1980, assim como o professor Valdir, “a sociedade como um todo aprendeu a se organizar e a reivindicar” (GOHN, 2009, p.58) e durante o período em que cursava o ensino médio aprendi sobre muitas formas de reivindicações. E no ano de 2005 tive o primeiro contato com movimentos sociais e discussões políticas no município; vou lhes contar um pouco o cenário dessa época.

No período em que cursava o ensino médio, tinha uma forte ligação com atividades no campo religioso, especialmente católica. Tínhamos na cidade de Santa Rita um padre que vivenciava profundamente a Teologia da Libertação¹; um movimento que surgiu no início dos anos 1970 na América Latina e englobava a Igreja Católica, mas não apenas, se ampliava para todas as igrejas cristãs, tendo como lema principal a opção preferencial pelos pobres.

De início, o movimento era forte entre os católicos progressistas, em Santa Rita, era expresso nas práticas e pronunciamentos do Pe. Josenildo Francisco de Lima; então pároco na Paróquia Santa Rita de Cássia que englobava todo o município. Um profundo admirador e pregador da Teologia da Libertação e de seus principais expoentes Dom Hélder Câmara, um dos fundadores dessa teologia e difusor do principal símbolo dessa teologia, que tinha como símbolo de aliança o

¹ Para saber mais sobre a Teologia da Libertação acesse <https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/>



Anel de Tucum, *Tucum* é o nome de uma palmeira da Amazônia, da qual sua madeira é utilizada para fazer este anel. Este anel é símbolo de grupos que lutam pela justiça e se engajam em pastorais sociais (das igrejas cristãs especialmente), entidades, movimentos sociais e ONG's que lutam a favor dos que são explorados pelo capitalismo selvagem.

É nesta perspectiva que “a cultura política gerada no desenrolar das ações dos movimentos populares ao longo dos anos 70/80 tinha três fontes básicas de inspiração: a da participação, do igualitarismo e da organização/direção” (GOHN, 2009, p.106). Uma cultura política fundada sobre os pilares da participação exige a construção de canais que ressaltem a liberdade de expressão e o pluralismo. Apesar de Gohn (2009) apresentar e problematizar uma “crise” instaurada nos movimentos sociais na década de 1990, no período dos anos 2000 esses movimentos se redesenhavam e se reinventavam em novas dinâmicas reivindicativas, e foi nesse cenário que adentrei na participação efetiva dos movimentos reivindicatórios no seguimento juvenil.

No ano de 2005, eu estava cursando o 3º ano do ensino médio participei de um curso de Mediadores de Conflitos promovido pelo Setor Juventude da Arquidiocese da Paraíba, que através do lema nacional da Campanha da Fraternidade, *Felizes os que promovem a paz*. Realizaram uma série de atividades em alguns municípios da região metropolitana de João Pessoa/PB sobre o tema *Tecendo a cidadania e construindo a cultura de paz*. Das várias atividades, tive a oportunidade de participar deste curso juntamente com outros jovens de outros municípios.

Foi uma das primeiras experiências de formação fora do espaço da escola, uma forma de aprendizagem singular, como ressalta Gohn (2009, p.114),

[...] os movimentos sociais, das diferentes camadas sociais, com suas demandas, organizações, práticas e estruturas, possuem um caráter educativo, assimilável aos seus participantes e à sociedade mais ampla. Os resultados deste processo traduzem-se em modos e formas de construção da cidadania político-social brasileira.

A partir do ano de 2001, a Pastoral da Juventude Nacional iniciou uma campanha de reflexões acerca das reivindicações por políticas públicas de juventude; e a cada ano aparecia um tema, como uma demanda das juventudes por políticas públicas específicas expressas no Dia Nacional da Juventude (DNJ)². Até que no ano de 2005, a Paróquia de Santa Rita realizou uma ação prática reivindicatória das políticas públicas de juventude no município. Realizou-se uma audiência

² Para saber mais sobre o Dia Nacional da Juventude acesse <http://www.mundojovem.com.br/datas-comemorativas/dia-nacional-da-juventude-dnj/historico-dnj?dt=1>



pública na Secretaria de Educação com os vereadores do município, onde estes se colocaram em diálogo com as juventudes do município a fim de saber as demandas dos jovens da cidade e eu estive presente nesse evento, foi um marco para população jovem da cidade.

No ano de 2007, participei de um curso de lideranças juvenis que aconteceu em João Pessoa, organizada pela extinta ASTEIAS, dessa vez representando o Fórum de Juventude de Santa Rita. Esta organização mudou muito minha percepção sobre muitos aspectos do cenário político, social e econômico do país; contribuiu para ampliar e refinar meu posicionamento militante e questionador diante dos acontecimentos da sociedade como um todo. E também as pessoas dessa organização marcaram carinhosamente minha trajetória; foi a partir da formação, da participação em movimentos sociais na minha cidade, tais como o Fórum Municipal das Juventudes, da organização da conferência municipal, das negociações e debates na conferência estadual, do vislumbre democrático da participação em diversidades mil na conferência nacional (no início de 2008) que comecei a procurar caminhos de desenvolvimento intelectual para daí tentar construir uma outra trajetória de vida.

Em 2007, fui educadora de jovens e adultos no projeto de alfabetização do Governo Federal que se estendia no município, foi o Programa Brasil Alfabetizado, baseando-se no método Paulo Freire. Este é um programa do Ministério da Educação que tem como objetivo a alfabetização de jovens, adultos e idosos para elevação da escolaridade, desenvolve-se em todo território nacional, os municípios recebem apoio técnico na implementação do programa. “Sua concepção reconhece a educação como direito humano e a oferta pública da alfabetização como porta de entrada para a educação e a escolarização das pessoas ao longo de toda a vida” (MEC, Governo Federal)³ O educador recebe uma bolsa para despesas de ensino e manutenção das aulas.

Neste sentido, Paiva (1973, p. 251-253) destaca que o método Paulo Freire foi elaborado pelo próprio Freire por volta de 1962 e assinala os principais itens que compuseram este método, onde a partir de uma educação corajosa que deveria permitir que o educador ajudasse o homem a se ajudar numa postura consciente e crítica diante de problemas do dia-a-dia; através do diálogo iniciava-se o processo de alfabetização numa constante criação e recriação do saber através das palavras geradoras da realidade dos indivíduos. E foi a partir deste método e com constantes

³ Para saber mais sobre o Programa Brasil Alfabetizado acesse <http://portal.mec.gov.br/par/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/17457-programa-brasil-alfabetizado-novo>



formações que fiquei como educadora por um ano com jovens, adultos e idosos num centro pastoral da igreja católica no bairro onde morava.

Em 2008, por um período de 10 meses fiz um cursinho pré-vestibular que era ofertado pela UFPB e em dezembro deste mesmo ano, ainda sobre o Processo Seletivo Seriado (antigo PSS), consegui ingressar na universidade. A minha primeira opção de curso foi Ciências Sociais, devido a minha aproximação com participações e discussões em movimentos sociais e também tinha um amigo que já fazia o curso, me informei com ele a respeito do curso, as possibilidades, a grade curricular, enfim, me apaixonei pela proposta do curso e entrei na primeira opção do vestibular.

Um dos motivos que me levou a cursar o ensino superior foi à oportunidade de ter um aprendizado mais qualificado e poder encontrar caminhos que me possibilitassem ter um futuro mais promissor, especialmente no campo do mercado de trabalho. Contudo, esse não foi apenas o motivo que me levou a escolher o curso de Ciências Sociais, um motivo importante é que o curso de Ciências Sociais possibilita o sujeito a perceber as verdadeiras faces das diversas relações existentes na vida em sociedade.

Neste período entre o ensino médio e o ensino superior ter participado de movimentos sociais me possibilitou ter conhecido e apreendido uma educação crítica e libertadora, não que não tenha em algumas escolas um esforço para uma educação mais libertária. Contudo, os movimentos sociais se utilizam de uma educação diferenciada em suas formações, participei de diversas formações em que se privilegiava o diálogo, o confronto de ideias, a construção de saberes, verdadeiras aulas de sociologia eu tive em formações oferecidas por ONGs, a exemplo da ASTEIAS. Estas organizações “conscientes da fragilidade do ensino oficial (que se realiza nas escolas) [...] tem lançado mão da ‘Educação Popular’ como uma estratégia importante para a conscientização e mobilização” (SILVA, 2007a, p.67) dos sujeitos. Dessa forma, resalto positivamente minha inserção nos mais diversos acontecimentos dos movimentos sociais, tais como palestras, seminários, conferências, festivais da juventude, dentre muitos outros.

EXPERIÊNCIAS DE TRAJETÓRIA NA UNIVERSIDADE: LAPIDAR MINHA PROCURA

Início esta última parte ressaltando ainda minha vivência entre os anos de 2007-2009 inserida numa vida de participações junto aos movimentos sociais em formações, eventos, festivais, debates, palestras, conferências, protestos (tais como os Gritos dos Excluídos), não apenas como participante, mas também da organização de formações, conferências, movimentos reivindicatórios



no município e em nível de estado, de coordenações, tais como o Fórum de Juventude do Município de Santa Rita.

A construção e elaboração de boa parte das políticas de juventude em nível de estado e o início do desenho da política de juventude em nível nacional tenho o prazer e a honra de dizer que fiz parte dessa construção e que contribuí de alguma forma para o que existe hoje em termos de propostas de políticas públicas de juventude, tais como o PROJOVEM. Tudo isso me ensinou muito, me formou enquanto cidadã, contribuiu para minha trajetória de vida pessoal e profissional e para meu posicionamento na sociedade; todas essas experiências foram uma escola e me ensinaram a pensar de forma coletiva e de acreditar que é possível formas transformadoras de efetivar direitos à todos indistintamente.

Neste sentido, há que chamar a atenção para ações protagonista presentes em todo esse debate, pois é isso que essas organizações e movimentos realizam na prática juvenil. Silva (2007b, p.106,109) ressalta que a ação protagonista “é provocativa e questionadora. Ela exige uma tomada de decisão pessoal e coletiva [...] o desafio de ser protagonista envolve um outro jeito de ser no mundo”; assim, toda prática requer um comprometimento e uma tomada de posição que confronta os desafios e busca lutar contra toda forma de injustiças sociais, políticas ou econômicas denunciadas na sociedade por diversos seguimentos.

Feito essas ressalvas, deste ponto em diante já se desenha minha trajetória na universidade. Destaco alguns importantes momentos durante a trajetória no curso, o primeiro deles foi a inserção num projeto de pesquisa, ainda participei de outros dois projetos de iniciação à pesquisa, aprendizados enriquecedores e de muitas atividades. Além desses destaques, vale ressaltar que participei de diversos outros eventos na UFPB, na UFCG, como monitora, ouvinte e com apresentação oral de trabalhos. Também fui monitora bolsista e voluntária do Departamento de Ciências Sociais com experiências enriquecedoras que, em algumas oportunidades, descrevi através de trabalhos empíricos. Outro momento importante foi à participação em eventos, tais como o ALAS em Recife-PE; a ABA que aconteceu na PUC-SP e outro foi a SBPC que aconteceu na UFMA-MA. Foram momentos enriquecedores de aprendizados e onde pude apresentar trabalhos e trocar experiências.

Por fim, destaco a parceria com o meu professor-orientador Rogério Medeiros, com quem pude participar de um projeto de pesquisa antes de me formar, projeto este que me possibilitou trabalhar na prática a vivência de um projeto de pesquisa. E, ainda, a parceria e compreensão na



pesquisa, escrita, elaboração e construção do trabalho de conclusão de curso. E em 2013, finalizei meu TCC e recebi o prêmio da Láurea Acadêmica por ter terminado o curso blocada, sem jamais ter trancado, desistido ou reprovado em qualquer disciplina.

Sem perder de vista o fio condutor de todo esse relato, minha trajetória como participante e educanda da prática dos movimentos sociais, ainda participei e auxiliei na organização da 2ª e 3ª Conferências de Juventude. Sempre no incentivo de ações práticas no que diz respeito à efetivação de políticas públicas no município onde resido e no Estado como um todo; nessas outras edições não tive a oportunidade de estar presente novamente na conferência nacional, contudo, contribui como pude nas conferências municipais e estadual.

Durante todo esse trajeto na universidade vale destacar importantes entraves percebidos durante o processo de formação no ensino superior. A titulação de um curso superior traz prestígio e possibilidades de rentabilidade para inserção no mercado de trabalho, na prática tudo isso se configura por processos bem mais complicados de se efetivar. É como nos indica Schwartzman (2013) em sua análise sobre o ensino superior no Brasil e a crise instaurada no âmbito da universidade;

A educação, em si mesma, não é necessariamente um recurso produtivo, ainda que seja rentável para o indivíduo que a possua. Na situação brasileira, a obtenção de um nível educacional alto é uma garantia de consumo, de emprego em um mercado de trabalho privilegiado e protegido, de ingresso em uma corporação profissional capaz de, pelo menos, discriminar contra os menos educados.

Depois que me formei não consegui passar diretamente no mestrado e não consegui trabalhar na área, então, trabalhei por um ano numa faculdade particular até consegui passar no mestrado no ano seguinte, além disso, passei no Enem para o curso de Ciências Sociais, modalidade licenciatura. Hoje tenho planos mais consistentes tanto profissionais quanto pessoais. Não consigo me imaginar fazendo outro curso que não seja a sociologia, aprendi e continuo a aprender com esta ciência que só me instiga a buscar cada vez mais o aprimoramento intelectual e profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A esperança vive na clandestinidade ela é revolucionária e profética” (Pe. Josenildo Francisco)

O presente trabalho teve como objetivo apresentar as memórias e relatos da autora tendo como fio condutor a discussão sobre a relação educação, cultura e sociedade, estabelecido pela



disciplina, mas também o fio condutor estabelecido pela autora, tratando-se da relação da educação, juventudes e movimentos sociais.

Durante todo esse trajeto ficou evidente o quanto a inserção em movimentos sociais foi importante e o quanto contribuiu para minha trajetória pessoal e profissional. Devemos perceber que a educação se faz presente não apenas em sala de aula na escola ou na universidade, as experiências educacionais perpassam muitos aspectos de nossa vida. Minha trajetória acadêmica está apenas começando; parei o relato, mas continuo as vivências, pois já estou vivenciando outras formas de educação que não entraram nesse relato.

A sociologia me ajudou muito quanto a perceber os muitos desafios que se fazem presentes em nossas relações e vivências cotidianas, e tem colaborado dentro e fora da universidade em minha trajetória e formação pessoal e profissional. Finalizo este trabalho com uma inquietação de que é preciso ainda lutar por melhores condições na educação e em outros espaços de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo e Clodovis. **Como fazer Teologia da Libertação**. São Paulo: Petrópolis Vozes, 1986.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo, Editora Moraes.

GERMANO, José Willington. **Lendo e aprendendo: A campanha de pé no chão**. 2 ed. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e educação**. 6 ed. São Paulo; Cortez, 2005. (questões de nossa época).

PAIVA, Vanilda. **Educação Popular e educação de adultos: contribuição à história da educação brasileira**. São Paulo: Loyola, 1973. P. 203-255.

SCHWARTZMAN, Simon. A crise na universidade. Revista Ensino Superior UNICAMP. In. <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/a-crise-da-universidade>

SILVA, Isaac Alexandre da. Juventudes: Cidadania e paz. In. CUNHA, Paulo Anchieta Florentino da. (Org.) **Tecendo a cidadania e construindo a cultura de paz**. João Pessoa: Ideia, 2007a.

SILVA, Rosemary Marinho da. Juventudes e ações protagonistas. In. CUNHA, Paulo Anchieta Florentino da. (Org.) **Tecendo a cidadania e construindo a cultura de paz**. João Pessoa: Ideia, 2007b.